

POVO DE AVEIRO

SEMENARIO REPUBLICANO

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,
Editor, Manuel Homem Christo

Numero 175

ASSIGNATURAS
AVEIRO—Um anno, 15200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 16300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 24500. Semestre, 12500 réis (fontes).

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

PUBLICAÇÕES
No caso do jornal, cada linha, 40 réis. Anúncios, cada linha, 30 réis. Por maiores, mediante contrato.
Os srs. assignantes tem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS.

4.º Anno

ENTRE REPUBLICANOS

O partido republicano não educou, e sem educação não ha obras, nem pensamentos. Não educou os outros, nem se educou a si. E d'essa falta d'educação resultou este desnorreamento geral da democracia, que é o desnorreamento, a final, da nação toda.

Uma coisa que se nota, entre os republicanos é a falta de solidariedade. E pôde haver partido sem solidariedade?

Os monarchicos, mais ou menos, protegem-se uns aos outros. Protegem-se n'um interesse de quadrilha. Mas protegem-se em todo o caso. Os republicanos não só nunca se protegeram, como se dilaceraram sempre.

No partido republicano deuse este facto singular: ao mesmo tempo que não havia coragem para expulsar dignamente, ativamente, nobremente, n'um grande exemplo de moralidade e de justiça, os traficantes, os especuladores, viviam todos n'uma intriga e n'uma malquerença pegada. Os monarchicos mordiam-se, mas protegiam-se. Os republicanos mordiam-se, e repeliam-se. Porque o partido republicano, não conhecendo nem praticando senão os processos monarchicos, copiou d'esses processos tudo quanto n'elles havia de mau sem aproveitar o pouco que elles poderiam ter de bom.

E, assim, foi talvez o mais desmoralizador de todos os partidos nacionaes.

Sem dar exemplos de independência, sem se impôr pela pureza dos processos e pela altivez da idéa, sem constituir um guia, uma esperança, um apoio de consciencia nacional, sem levantar os animos por actos de inteireza e de justiça, nem ao menos teve o sentimento caridoso — e enchia a bocca com fraternidades — de acudir aos seus em horas de afflicção ou de crise. Se algum desgraçado era victima da sua ingenuidade politica, arriscando-se pelos princípios, e recorria ao auxilio dos correligionarios, ou lhe chamavam tolo ou o despediam como um importuno.

Isto foi sempre assim. No partido republicano nunca houve solidariedade. E sem solidariedade não pôde haver partidos.

Qual era a causa? A estupidez. A causa foi sempre a mesma. Foi e é. No partido republicano poucos, pouquissimos espiritos appareceram com boa orientação. Os talentos robustos não passaram d'uns bacoquinhos ridiculos. Muito afumados, muito festejados, loureados, parlaputes eméritos, dizendo quatro banalidades com certa correcção, mas sem nenhum valor real. Como na monarchia. Tal e qual.

Isto custa a dizer. Mas é assim. Precisamente assim.

Foi da ignorancia e da estupidez que resultou esta pavorosa desorientação em que se afunda toda a sociedade portugueza: Esta versatilidade de caracter, mesmo, que caracteriza os homens publicos. A intelligencia pôde ser indigna, mas conserva uma certa altivez na propria indignidade. E em Portugal indignidade e pulhismo completam-se ou confundem-se.

Os republicanos não foram integros, não foram intransigentes, não foram austeros, porque, geralmente, foram ignorantes ou estúpidos. Não se protegeram, não se auxiliaram, pelo mesmo motivo. E ainda pelo mesmo motivo, desalentaram, recuaram, ou fugiram. Bem orientados, n'essa orientação achariam a força que lhes faltou. Intelligentes, a intelligencia os faria altivos, ou inhaibeis especuladores, pelo menos. E não foram nada d'isso.

Oxalá que aprendam, e que se possam rehabilitar depois de terem aprendido.

A CANALHA

Manda-nos dizer o morgado do Carmo, pela canalha que o cerca, que já o elogiámos, que lhe chamámos *pinaculo, esplendido rapaz, litterato e sábio, que não pôde descer a coisas pequenas* e tudo o mais que se lê no n.º 408 do *Povo de Aveiro*.

Ora Jayme de Magalhães Lima já escreveu que um desses garotos é tão biltre que accusa os outros de tudo sem provas nem indícios nenhuns da verdade das suas accusações. Escreveu-o Jayme de Magalhães Lima e escreveu-o Joaquim de Mello Freitas, outro coryphée dos francaceos. Claro é que Jayme e Joaquim dêram provas da maior estupidez, escrevendo isso. Se vissem dois palmos adiante do nariz não o teriam escripto. Porque, escrevendo-o, não demonstraram valer muito mais que aquelle de quem o escreviam. Mas, emfim, da primeira ninguem se livra, diz o dictado.

Que Jayme escrevesse que um dos biltres inventa por systema e calumnia por officio, foi muito. Mas que Jayme mande os biltres continuarem a inventar por systema e a calumniarem por officio, na certeza de serem apalhados em mentira flagrante, é excesso de estupidez. Porque se é biltraria não é menor estupidez. Só uma besta mente com a certeza de ser apalhado em mentira. Nunca faz isso um homem intelligente.

Querem vêr o que escrevemos no tal n.º 408 do *Povo de Aveiro*? Tratando de eleições e cen-

surando as conveniencias, as hy-pocrisias, a falta de sinceridade e de convicções, escreviamos de Jayme:

«Comecemos do alto. Eis um pinaculo: — o sr. Jayme de Magalhães Lima. Esplendido rapaz. Mas... ali vem ella, litterato e sábio não pôde descer a coisas pequenas. S. ex.ª bem sabe que temos carradas de razão n'estas sovas que estamos applicando nos homens da Praça e ao sr. Dias Ferreira. S. ex.ª bem sabe que esta terra vegeta n'um abandono tristissimo. S. ex.ª bem sabe que lhe poderia ser de muita utilidade. Mas quê, se s. ex.ª para ser util á sua terra teria de romper com um conselheiro e com varios commendadores, tudo gente indispensavel á consideração de quem se preza de ser amigo dos litteratos da Russia e dos sábios da Alemanha? E lá vae elle, pobre rapaz, abdicando da sua individualidade em todos os grandes da terra, incluindo o Oliveira Martins, em todos os grandes da terra para ser grande, sem reparar que é n'isso exactamente que elle é pequeno e triste.»

Ora o que nós realmente chamavamos ao morgado era *pequeno e triste*. E com verdade! Chamavamos-lhe *pinaculo* por troça, como toda a gente vê da transcripção que ali fica. Chamavamos-lhe *esplendido rapaz, sábio e litterato*, por ironia, ironia que melhor se descobre quando o tratavamos por amigo dos *litteratos da Russia e dos sábios da Alemanha*, quando diziamos que abdicava da sua individualidade nos grandes para ser grande. Todo o mundo o percebe e percebe-o a propria canalha. Mas, escondendo o sentido das palavras escriptas por nós, sahem-se a dizer que já chamamos ao Jayme *pinaculo, esplendido rapaz, litterato e sábio que não pôde descer a coisas pequenas!*

São garotos sem imputação. Mas garotos estúpidos.

De resto, Jayme que não se rale, que nunca o elogiámos. A mania de Jayme é que já o elogiámos. Não elogiámos tal. Quem escreve estas linhas, não. Podiamos tê-lo feito, sem desdouro. Mas não o fizemos. E' certo que, pondo de parte agravos pessoais, o considerámos homem de algumas virtudes. Mas nunca deixámos de o considerar um poltrão, um reaccionario, e um inepto. Até quando o preferiamos a Barbosa de Magalhães, que sendo menos reaccionario no fundo, tem sobre si a mácula das irmãs da caridade e sempre fez o jogo dos clericos, até mesmo, n'esse momento o accusavamos de reaccionario, acrescentando que se era digno só o era tanto quanto o pôde ser um reaccionario. Beija-lhe, reaccionario, sábio e litterato ridiculo, eis como sempre considerámos o patrão do Carmo. E até quando o suppinhamos ainda um homem digno, acrescentavamos

que só era digno tanto quanto o pôde ser um reaccionario. E dizemos tanto quanto pôde se lo um reaccionario porque, em absoluto, não ha reaccionario nem umha que não seja indigno.

Taes eram as nossas palavras escriptas no artigo em que o sr. Lima foi mais bem tratado n'este periodico do que n'algum outro. Ora, sr. Lima, Deus lhe dê juizo, que o sentimento n'os artigos não é o mesmo em todas as partes, e muito pouco atilado.

Obras do Terreiro

Já foram arrematadas algumas empreitadas para o proseguimento das obras d'este edificio, ficando outras dependentes de segunda deliberação.

O nosso presado collega a *Folha da Tarde*, de quarta-feira, 10, transcreve o artigo editorial do ultimo numero d'este jornal. Aceusando a transcripção, diz o seguinte:

O artigo que n'outro logar publicamos, subordinado ao titulo de *Entre republicanos*, é do nosso presado collega *Povo de Aveiro*.

Ha neste artigo verdades d'outras, mas verdades incontestáveis. E tambem ha uma lucida exposição do rumo a seguir. Por todos estes motivos, porque tambem concordamos com a sua excellente doutrina, julgamos dever dar-lhe a maior publicidade.

Nova Padaria

Aos Arcos, no antigo restaurante *Cysne* vae em breves dias abrir-se de par em par, as portas d'um novo estabelecimento, que nos consta será o primeiro no genero, em Aveiro.

O proprietario, sr. Ferreira, não se tem poupado a despesas para apresentar um estabelecimento elegante e bem sortido no seu genero, e, para das melhores, casis das capitães do reino.

Estimamos que seja feliz.

Musica d'Esquerda

Acaba de ser contratado para regente d'aquella nova phylharmonica, o sr. João Alleluia, conhecido artista d'esta cidade e antigo regente da *Tuna Talábrica*. O sr. Alleluia tem excellente vocação para a arte de Verdi, e já é considerado como mestre d'ella.

Consta que para o Natal, já a nova phylharmonica se apresentará na rua. Tambem nos consta que foi contratado um regente para a *Musica Nova*, e que brevemente assumirá a regencia d'aquella banda. Será verdade?

RECEITA

Pois camaráda, não se boje. Não boje, não boje, não boje. Faça-se padra, perrebo? Chirahia na estrepado obange rab. E quanto vich appareça. João de Dize.

Dr. Affonso Costa

Vimos, pois, que os francaceos da terra se gabavam por toda a cidade de terem levado o sr. Affonso Costa, o doutor Affonso, como fundamentalmente lhe chamam, a não querer defender o sr. Homem Christo, quando este nosso amigo, na hypothese de ser requerido contra elle alguma das policias correcçionaes que se annunciavam, pôde ter estado n'essa occasião, defendendo d'ellas estava requerida; escreveu-lhe o chefe republicano solicitando os seus serviços como advogado; e vimos como se gabavam tambem de terem conseguido que o doutor Affonso os viesse agora defender a elles contra nós. Vimos mais: vimos que os bandeiros chegavam a proclamar que o sr. Affonso Costa era do partido francaceo.

Ora somos nós os primeiros a não admittir esta calumnia. O sr. Affonso Costa não é francaceo, embora não sejam só os de Aveiro a dizer que o é. Não são só os de Aveiro. As sympathias do sr. Affonso Costa pelo sr. João Franco, e as relações intimas que sua excellencia mantém com os francaceos, são referidas e affirmadas em todo o paiz. Mas, repetimos, somos nós os primeiros a repellir a affronta. O sr. Affonso Costa não é francaceo. No entanto, para sermos justos em tudo, devemos dizer que o parece. Francamente, parece-o. Pelo menos, em Aveiro, lomo abertamente, escandalosamente, diremos, o partido d'elles contra os republicanos. E não nos limitamos a dizê-lo; vamos prova-lo. Não é costume nosso fazer affirmações banaes.

Como já dissémos, ainda não havia nenhuma policia correcçional requerida contra este semanario quando o sr. Affonso Costa se negou, no caso d'ellas apparecerem, a vir-nos defender, sob pretexto de que mantinha relações pessoais com os nossos adversarios. Mas quaes eram os nossos adversarios? Eram todos os francaceos?

Para aqui chamamos a atenção dos republicanos do paiz, a quem estes factos particularmente interessam. Se o sr. Affonso Costa nos fizesse, assim senhor, irei defendê-lo, salvo se o individuo que requerer a policia correcçional for pessoa da minha amizade, estava bom. Não podia elle saber, n'aquella altura, quem seria o requerente, a não ser que sua excellencia fosse mais longe, entrando nos segredos da colligação reaccionaria d'esta terra.

Entrava n'esse segredo? Sabia já, n'essa occasião, quem era o individuo, ou individuos, que se propunham requerer policias contra nós? Então razão tem elles para proclamar que o sr. Affonso Costa é francaceo. Nessa hypothese, o doutor Affonso, como elles dizem, estava d'alma e coração com os reaccionarios, contra os republicanos que defendiam, em Aveiro a causa da liberdade. Não sabia o sr. Affonso Costa quem era quem requeria a policia correcçional ou as policias correcçionaes contra nós? Então, como se negava a defender o sr. Homem Christo sob pretexto de que os individuos atacados por elle eram pessoas das suas relações? O sr. Homem Christo e o *Povo de Avei-*

ro não atacavam um ou dois francaceos, atacavam toda a colligação reaccionaria: francaceos, ex-republicanos, etc. Então eram todos das relações ou da amizade do doutor Affonso?

Caso extranho, na verdade!

Extranho, mesmo que ficasse por ahí. Mas não ficou, como se vê. O sr. Affonso Costa, que por influencia dos francaceos se negou a defender quem toda a vida combateu pelos principios democraticos, quem está sempre na brecha contra a reacção, quem trabalha sem descanço pela causa do progresso e da civilização d'este paiz, promptamente accedeu, por influencia dos mesmos francaceos, a defender o populacho que os miseráveis incitaram a commetter os maiores disturbios, entre elles assaltar a fabrica do director e editor d'este periodico. Logo, não ha duvida nenhuma que o sr. dr. Affonso Costa se envolve na politica d'Aveiro, tomando o partido, escandalosamente, pelo grupo dos francaceos.

Não queremos dizer com isto, repetimos, que o sr. Affonso Costa seja francaceo, como proclamam os maltrapilhos que dizem ter influido no animo de sua excellencia. Queremos crer, até, que o não é. Mas o que é certo, o que é incontestavel, é que sua excellencia toma partido por elles na politica local, escandalosamente, sem reboço. Sim, escandalosamente, sem reboço, por isso que não nos querendo defender a nós contra elles, os vem defender a elles contra nós. Fomos nós dos mais atacados pela turbamulta que manobrou ás ordens dos francaceos. Fomos nós, até, dizem elles, a causa da turbamulta ter ido assaltar a casa do presidente da camara e d'um vereador, e fomos nós a causa, porque, sem a provocação que partiu da fabrica de moagens, os aldeões ter-se-iam recolhido a casa como cordeirinhos mansos. Assim o escreve o orgão inamundo da francalhada. Portanto, é contra nós que o sr. Affonso Costa vem pleitear. Contra nós, mesmo que sua excellencia não admitta que fomos nós que levámos o populacho a assaltar a casa do sr. Gustavo Ferreira Pinto Basto e do sr. Ignacio Cunha. Contra nós, porque, em qualquer caso, um dos edificios assaltados era do proprietario e editor d'este periodico. E o doutor Affonso, que não quiz defender o jornalista que toda a vida tem combatido a reacção, que o não quiz defender, porque os reaccionarios, porque os apostatas, eram *peças das suas relações*, promptificou-se logo a defender os desgraçados que esses reaccionarios e apostatas mandaram arrombar-nos as portas e apedrejar-nos as vidraças.

Este é o caso. E caso digno, bem digno de menção.

Mas, como este artigo é destinado, principalmente, a illucidar os republicanos do paiz, que devem perder todas as illusões, principalmente agora que se fala em concentração republicana, não queremos terminar sem demonstrar bem o caracter dos amigos do sr. Affonso Costa n'esta localidade, não se vá imaginar que estamos mentindo quando os declaramos os peores inimigos da liberdade. E esse caracter dá-o admiravelmente o chefe do grupo, o sr. Jayme de Magalhães Lima, no pequeno discurso que, em parte, passamos a publicar.

Não precisamos d'ir buscar á *Epoca*, jornal que se publicou em Aveiro, as opiniões reaccionarias do mesmo senhor. Não precisamos de mostrar novamente com a mesma *Epoca*, como já fizemos, o que valem as opiniões republicanas do republicano Joaquim de Mello Freitas, outro amigo do sr. Affonso Costa. Não precisamos de recorrer a documentos preciosos para mostrar o que vale o rapazello republicano Jayme Duarte Silva, outro amigo, e amigo muito intimo, do doutor Affonso. Bastanos o pequenino discurso que se vae ler, que é d'epoca recente.

Esse discurso, definindo o chefe dos francaceos em Aveiro, define todos aquellos que o seguem.

Foi na camara dos deputados, em sessão de 1 de fevereiro de 1896. O governo tinha praticado os maiores attentados, contra a liberdade. Tinha feito, sobretudo, uma lei eleitoral que só tinha um fim, o fim exclusivo de impedir que voltasse á camara qualquer deputado republicano. Discutiu-se essa odiosa dictadura. Jayme de Magalhães Lima, chefe do grupo politico da localidade pelo qual o dr. Affonso Costa toma partido contra o Povo de Aveiro e seus proprietarios e redactores, levantou-se e diz:

«Os actos que hoje somos chamados a julgar são para mim de tal gravidade e importancia, e constituem uma revolução politica tão grande e profunda (prestem attenção ao italico que não só demonstra as opiniões politicas do homem como a sua grande imbecillidade) como aquellas que no nosso paiz se fizeram com as armas na mão. (Que imbecil!)

Applaudo a dictadura e louvo o governo pela maneira como a fez. Louvo o governo pela firmeza que soube mostrar executando a dictadura. Todos nós nos lembramos do que foram para o governo os primeiros dias depois de encerrado o parlamento, todos nós vimos como a chamada liberdade armava os seus cataphraticos para o combate. Não tinhámos que admirar-nos, se é certo que o parlamento precisava de ser remodelado, se é certo que as instituições parlamentares precisavam d'uma profundissima reforma (para pôr fóra os republicanos!) e se essa reforma não se tinha feito até então era porque havia obstaculos graves que se oppunham a que ella se fizesse. O governo não se prendeu com elles. N'esse ponto mostrou grande firmeza, que o paiz, quando forem mais conhecidos os fecundos resultados da dictadura, saberá agradecer.

Não quero insistir na campanha que se fez contra o governo. Todos nós, ao vermos a opposição que n'aquelle tempo se levantou, podíamos julgar que estavam na véspera do restabelecimento de um verdadeiro cezarismo. O que é verdade, porém, é que não houve Cesares assassinados, nem Brutos, nem Catões com as entranhas rasgadas. Pela vida dos Cesares e pelas proprias entranhas os cavalleiros da liberdade tiveram o mais escrupuloso respeito.

Applaudo o governo pela firmeza com que fez executar a dictadura e pela tolerancia que revelou. Permittamo v. ex.ª, sr. presidente, que eu ainda insista n'este ponto: quem sabe se agora, como em Roma, no tempo em que mais se falou da liberdade, foi o tempo em que menos a houve? No tempo em que mais se falava em liberdade era Roma governada por um patriciado; no tempo em que se falava em despotismo é quando tem mais liberdade.

Mas, proseguindo, applaudo o governo pela tolerancia que revelou; e dizendo, applaudo o governo, *não sei se digo bem o que sinto*; em verdade n'esse ponto a tolerancia do governo foi quasi até á fraqueza. (Ainda achava pouco!)

Eu, que fui testemunha dos abusos que se commetteram nos concios, onde na presença da auctoridade se disseram cousas que na verdade não eram muito para tolerar se, posso bem fallar assim. Mas o governo, comtudo, e com justificada razão, entendeu dever dar ao paiz a prova completa de que a liberdade continuava a ser para nós uma realidade. Não quiz obstar a esses desmandos e por esse lado o applaudo; mas n'outras quaesquer circumstancias, que não fossem as excepcionaes em que o paiz se encontrava, eu, com toda a certeza, condemnaria semelhante tolerancia.

Bem sei o que disseram os jornaes acerca da reforma da policia; fizeram com isso um grande escarceo. Ahí é que o governo mostrou como faltava ao respeito da liberdade individual. N'este ponto devo dizer que acceitei e applaudi essa reforma por completo.

As sociedades modernas, organisadas segundo os principios chamados liberaes, viveram, até hoje, na poeira do antigo regimen, na obediencia com-

pleta ás ordens e aos actos da auctoridade que esse regimen creou; mas hoje, com as plebes desvaivadas pela miseria, pergunto que outra maneira tem a auctoridade de se defender, que não seja a coacção, que não seja uma fiscalisação rigorosa?

Um governo liberal que reconheça, como deve reconhecer, que a ordem (a ordem é pancada, as plebes desvaivadas pela miseria, em vez de pão que recebam pão) é a base essencial da liberdade, porque sem ella o direito de cada um não se pôde exercer livre, a primeira cousa de que tem de preoccupar-se, a mais inadiavel que tem a tratar é *fazer manter e garantir a ordem* (queria dizer: dar pancada para baixo) e não reconheço senão duas maneiras de a garantir e manter: ou a persuasão, para os espiritos superiores, para as almas superiormente illuminadas (como a d'elle) ou a coacção (isto é: pancada) para aquelles em quem a miseria (o anor d'este cidadão aos pobres!) atrophiou o sentimento moral ou rescalaram na perversão moral.»

Ora eis ahí o homem que acompanham uns miseráveis que se diziam republicanos, o homem que representa a politica pela qual o sr. Affonso Costa toma partido na localidade. Depois da voz eloquentissima de José Estevão em prol da liberdade, ergue-se na mesma camara, a voz d'esse chato, filho de Aveiro, como José Estevão, fazendo n'um simulacro de discurso, n'um amontoado de palavras chochas e banaes, a defeza vergonhosa dos principios reaccionarios. Tão chato, que até proclama a dictadura de João Franco, que fez a indecente reforma eleitoral de que sahio o solar dos barrigas, *uma revolução politica tão grande e profunda como aquellas que no nosso paiz se fizeram com as armas na mão*. Já é ser chato! E os mariolas, que se diziam republicanos, adherem a esse chato para formarem com elle grupo politico. E o sr. Affonso Costa defende o chato e attende os mariolas contra o Povo de Aveiro!

A politica d'este jornal na localidade foi sempre sustentar a causa da liberdade e dos interesses da terra. Nunca apoiámos esses interesses contra os principios liberaes. Tivemos sempre a felicidade de harmonisar uma coisa com a outra. Quando podemos sustentar sósinhos esse duplo fim, sósinhos combatemos. Mas sempre que o vimos em perigo, apoiámos o grupo monarchico que nos offerece maior garantias. E assim temos conseguido prestar assignalados serviços aos interesses locais com vantagem para os principios democraticos.

Ora Jayme de Magalhães Lima era, evidentemente, menos perigoso, que o antigo grupo da Vera-Cruz. Mas hoje é elle, colligado com os restos d'esse grupo, o verdadeiro chefe reaccionario da localidade, ao mesmo tempo que é incapaz, e todos os reconhecem como tal, de prestar o minimo serviço importante a esta terra. E', pois, de boa politica liberal e de boa politica local combate-lo á outrance. Não o entende, porém, assim, o sr. Affonso Costa, que se vem intrrometer na politica d'Aveiro, tomando, contra este semanario, que ha vinte annos combate pelos principios republicanos em toda a sua pureza, que ha vinte annos fulmina todos os apostatas e especuladores, que ha vinte annos mantém as tradições de José Estevão, tomando contra este semanario, dizemos, o partido d'uns insignificantes, uns borbobotas, uns mesquinhos e miseráveis apostatas, que fazem partido com o homem que em plena camara dizia que a dictadura de João Franco representava uma revolução politica tão grande e profunda como a revolução liberal, que lamentava que João Franco não tivesse sido mais energico em reprimir os discolos e que aconselhava pancada contra os que tinham fome. Com esses enfileira o sr. Affonso Costa. D'esses recebe applausos e

ovações, procedimento escandaloso de que o sr. Affonso Costa se arrependará, sem duvida.

E'-nos indifferente que os accusados sejam condemnados ou sejam absolvidos. Nunca pedimos desagravos á justiça. Nunca! Costumamos toma-los por nós próprios. Se os discolos voltarem a atacar-nos, nós saberemos como responder-lhes, e elles tambem o sabem. Pódem contar conosco. E'-nos, pois, indifferente a sua absolvição ou a sua condemnação. Mas não nos era indifferente, nem o podia ser, a conducta singular do sr. Affonso Costa.

E sobre este ponto nada mais temos a dizer.

Posse

Tomou posse do seu lugar de professora na escola annexa, a sr.ª D. Maria Gloria d'Oliveira Marques, prexada irmã do director da mesma escola, revd.º sr. Marques de Castilho.

O acto revestiu certa solemnidade, discursando n'essa occasião os srs. Mendes da Costa e Julio Martins de Almeida, professores da referida escola.

Expropriações

Está projectada a expropriação dos predios da rua dos Tavares e que ficam nas trazeiras do edificio do correio.

Com essas expropriações só tem a lucrar a boa hygiene pelas suas condições de salubridade dos mesmos.

Congresso Nacional das Associações de Classe

Deixaram as melhores impressões, as sessões realizadas na sala da Associação dos Constructores Civis e Artes Correlativas de Aveiro, pelos congressistas do Congresso Nacional, aqui realisado nos dias 7, 8 e 9 do corrente. Admirou-nos tambem a boa ordem e cordura com que apresentaram e souberam guiar os seus trabalhos.

Entre os delegados, destacaram-se alguns pela sua intelligencia e verbosidade da palavra. Foram votadas deversas moções que foram approvadas após curtos debates, o que traduz a boa orientação que está presidindo no seio do prolectariado portuguez.

Foi alvitrado pelo delegado sr. Adolpho de Magalhães e reforçado por mais alguns congressistas, para que o novo Congresso a seguir seja realisado n'esta cidade.

Agradecemos reconhecidos a visita feita á nossa redacção pelos srs. Adolpho Leite de Magalhães, Francisco Assis d'Oliveira Santos e José Ferreira Braga, do Porto; Antonio Francisco Pereira, de Lisboa, e bem assim as palavras elogiosas proferidas pelo delegado sr. Adolpho de Magalhães, n'umas breves referencias que fez ao nosso semanario, no mesmo Congresso.

Os congressistas tiveram tambem para os habitantes da cidade e para a memoria de José Estevão, os mais rasgados elogios.

Partiram, os delegados do sul, na terça-feira á noite, e os do norte, na quarta-feira no comboio das 10 horas da manhã.

A' estação foram despedir-se dos congressistas varios amigos e companheiros de trabalho.

Na Martinica

A montanha Pelada tomou uma nova e perigosissima phase.

Tem erupções violentissimas, atingindo o fumo uma altura de 3 kilometros.

AO POVO INGENUO

Quando has de entrar na grande liça, E, sacudindo o teu grilhão desfeito, Dizer ao padre: «Eu chamo-me a Justiça» Dizer ao Rei: «Eu chamo-me o Direito?»

GUILHERME BRAGA.

SEM VERGONHA

Agora, se as obras do Terreiro vão continuar, é porque nós pagamos contribuições. E se pagamos contribuições não ha que louvar o governador civil por ter conseguido a continuação d'essas obras.

Quem elles louvam são os aldeões que veem limpar as sentinas da cidade. Esses, sim. Esses é que são os benemeritos.

Limpam as sentinas e ainda pagam. Ora vejam que abnegação: limpam as sentinas e ainda pagam!

Abnegação que vae até ao martyrio, porque além de pagarem, ainda apanham a sua multa, se teem a lanterna apagada ou se deixam os bois sem moço adiante! Tudo aquillo por amor da cidade. Não é porque os estrumes convenham aos homemsinhos. Não senhores. Elles sujam se, elles pagam, elles apanham multa, só para servir a cidade. Só! Sómente!

Pois não a serviram ainda tanto, e só por isso não concordamos em lhes conceder honras de patriotas e martyres, não a serviram ainda tanto que não deixassem cá uma sentina immunda, que é o *Chica*. Essa é que elles nunca limpam. Sempre suja! Sempre cheirando mal! Sempre immunda!

O sr. governador civil não fez beneficio nenhum á cidade. Nenhum! Não ha que agradecer-lhe, nem porque o louvar.

Agradecer, é aos aldeões. Coitadinhos! Limpam as sentinas, os pobres homens!

A camara municipal faz obras de incontestavel valor? E' o seu dever. Isto quando as obras não são más. Geralmente são más. E, então, não ha dever, ha crime.

O sr. governador civil conseguiu que as obras do Terreiro continuassem? Para quê, se o sr. Carlos da Silva Mello Guimarães anda de chapéo na mão atraz dos operarios?

Mas conseguiu, em todo o caso? Fez o seu dever. Abnegação, serviço, aquella dos aldeões viem limpar as sentinas da cidade. Ahí, sim. Ahí é que está o grande serviço prestado á cidade. E ainda apanham multas, aquelles patriotas, aquelles martyres.

Que safadissimos tratantes, os taes garotos que recebem ordens do morgado do Carmo!

Cambios

O cambio do Brazil sobre Londres está a 12
Libra no Brazil: 205000 réis;
em Portugal, 56630 réis.

THEATRO AVEIRENSE

Alguns artistas da companhia de zarzuela, dão hoje um espectáculo em seu beneficio, no Theatro Aveirense, esperando que o publico os auxilie.

Lancha a vapor

Teem dado excellentes resultados as experiencias feitas com a lancha a vapor e tocada a gazolina, adquirida para uso na nossa ria pelo sr. João Marques da Cunha.

Ainda na quinta-feira passada, em uma viagem de recreio que aquelle sr. fez a S. Jacintho, na companhia de alguns amigos que para esse fim convidou, se fez uma agradável excursão ali, com muita precisão e em curto espaço de tempo.

UM "FREI,, FADISTA

É preferível escrever em lingua *bunda*, de forma a todos nos entenderem, do que usar da linguagem afadistada e réles, propria d'um frequentador dos bairros d'Alfama, que usa o *frei* que se nos dirigiu.

A lingua *bunda*, correntemente fallada ou escripta, pôde ser usada na mais selecta sala da alta aristocracia, sem que por isso ninguém cõre.

Já não succede o mesmo com o calão chulo e indecente, usado pelo reverendo em tudo em que entra a sua réles collaboração.

Fez mal em se atravessar no nosso caminho...

Nunca nos importámos com as suas *gingadellas* de *frei pimpão*, nem tão pouco com as suas *baboseiras chicadas*, mas logo que nós também lhe servimos de alvo á sua réles *piada*, ha de ouvir-nos, ha de experimentar a dureza da nossa lingua *bunda*, que apesar de *bunda*, ha de por certo incommodal-o e pô-lo sobre brazas.

Olé, se ha-de. Temos tempo de sobejo para conversarmos.

Mas que a cidade e o districto estão satisfeitos com a estada aqui do regimento d'infanteria, isso não soffre duvida nenhuma. Se os mancebos de Sever do Vouga, apurados e sorteados para a arma de infanteria, foram para armas diferentes, representa isso uma extorsão á lei, de que o sr. ministro da guerra não tem culpa, nem tão pouco os medicos que os inspecionaram e consideraram aptos para aquella arma.

Quem diria a *frei fadista* que nós pertenciamos a qualquer dos partidos militantes para nos considerar um *indisciplinado*?

C. S.

Fronteiras em ruina

O correspondente d'esta cidade para a *Soberania do Povo*, queixa-se no seu ultimo numero, e com muita razão, do desmazello que tem predominado em não se mandar apear algumas fronteiras que ha por essa cidade, que são e continuarão a ser a vergonha de todos nós.

Na rua do Espirito Santo, por exemplo, estão em ruinas uns velhos pardieiros, que além de offerecerem um constante perigo, se torna uma verdadeira indecencia.

A um d'elles foi apeada a fronteira, para a sua nova construcção, mas, não sabemos porque motivo, ha dois annos que ella alli se conserva escancarada, a mostrar a quem nos visita, o cuidado que se tem com as cousas d'esta cidade.

O mesmo succede na rua da Vera-Cruz com a frontaria da casa de uma pobre velhinha, mas esta foi obrigada a demolir-a por ordem superior, e como agora não tem dinheiro para a sua reconstrucção, ella ali está a fazer *pendant* com as demais.

Mas porque se obrigou a desgraçada velha e não se obrigam os mais?

E o engraçado, para não dizermos o mais triste, é que em ambas ellas habitam familias. N'estes dias de inverno, os desgraçados, os párias, poderão por ventura bemdizer quem se não condõe da sua sorte?

Alienado

Acompanhado pelos policias 27 e 39, d'esta cidade, seguiu esta semana para Lisboa, o alienado José Simões Cardoso, do logar da Oliveirinha, para ser internado em Rilhafolles.

Na volta para aqui, entrou juntamente com os mencionados guardas, na estação da Avenida, um grupo de individuos tocando e cantando. A folhas tantas, e quando o comboio se achava já em movimento, o vendedor ambulante em Lisboa, Manuel Pedreira, casado, de Foz d'Aronca (Coimbra), deu por falta de uma carteira onde trazia, segundo elle affirmava, uns tresentos mil réis. Quando os dois mencionados

guardas tratavam de averiguar o caso, um dos passageiros abriu rapidamente a portinhola e saltou á linha na occasião em que o comboio entrava no tunel e onde elle por pouco se esmagava.

Todas as desconfianças recahem sobre elle, procedendo a policia a averiguações.

Aquelle diuheiro, que o desgraçado trazia para a terra, representava um mundo de sacrificios e privações.

Aos srs. empregados da fiscaliação do concelho d'Ilhavo

Ha um tempo a esta parte, que no tribunal d'esta comarca, tem sido julgados em policia correccional, alguns individuos do logar da Gafanha.

Ninguem ignora que o gafanhão, só violentamente arrastado, é que poderá erguer olhos e pedir auxilio ás justicias.

Qual é, pois, o motivo d'esses julgamentos? O vinho. O vinho é a causa das perturbações que ali se dão, como no mesmo tribunal se tem provado.

Nós estamos informados que no dito logar, as tabernas se conservam abertas até quasi pela madrugada, e por isso, não é para admirar, que as desordens ali se deem repetidas vezes.

Porque não vão os srs. empregados fiscaes fazer por ali uma visita, obrigando os taberneiros a fechar a horas competentes?

Pois devem por ali comparecer uma vez por outra e especialmente pelo sitio da Maluca, onde nos consta que as mesmas se conservam abertas até dia claro, principalmente aos domingos e dias sanctificados.

Esperamos que o nosso pedido não seja feito em vão.

O FRIO

O director do observatorio da Torre de S. Thiago, de Paris, declarou ultimamente que a phisionomia meteorologica do fim do anno será idêntica á do mesmo periodo de 1894.

Esta previsão não é das mais tranquillisadoras para os que não gostam do frio, pois n'aquelle anno o Sena chegou a gelar.

— Em Berlin o thermometro tem marcado oito graus abaixo de zero. Gelou o Vistula, interrompendo se a navegacão.

— Na Austria o frio é tambem intensissimo, chegando o thermometro a 10 e 12 graus abaixo de zero, e em Bruxellas foi preciso collocar brazeiros nas ruas para os pobres.

— Em New York o frio tem sido terrivel. Por causa da neve, que em alguns sitios tem attingido a altura de 10 centimetros, não trabalha o telegrapho e os comboios difficilmente circulam.

— Em Paris o barometro está para menos de 5 acima de zero!

— Em Londres tem sido o frio tão intenso que dá logar a tanta miseria, como não ha conhecimento ha 30 annos! Irra!

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	960
» encarnado.....	1500
» manteiga.....	880
» amarello.....	880
» mistura.....	800
» caraça.....	15000
» frade.....	840
Milho branco.....	520
» amarello.....	560
Trigo gallego.....	18060
» tremez.....	960
Batatas, 15 kilos.....	300
Ovos, duzia.....	200

«A Justiça»

E' o titulo de um jornal academico que em breves dias será publicado em Coimbra, sob a direcção dos quintanistas de direito srs. Fausto Quadros e Santos Monteiro.

A APOTHEOSE

Consta-nos que se trabalha azafamadamente na apothese local do sr. Affonso Costa. Por S. Bernardo, Costa de Vallade e Verdemilho teem andado emissarios francaceos a ensaiar a peça. Parece que até se encommendam *vivas á republica*. Dizem elles, os ensaiadores, que dar vivas á republica, por uma vez, não faz mal. Queriam já acclamar o doutor Affonso vice-presidente do partido francaceo. Mas o Jayminho interveio dizendo que era cêdo, que, por ora, não, que o doutor Affonso não queria isso, que o deixassem com a sua escovinha de graxa que com ella é que elle tinha feito tudo.

A historia da escovinha da graxa é esta.

Ao que se diz, doutor Affonso tem um pequeno fraco: gosta que lhe engraxem as botas. Não passa vez nenhuma na estação do caminho de ferro, que não corra lá o Jayminho e o Joaquim a darem a bella engraxadella. São apostatas? Que sejam.

Engraxam as botas ao doutor Affonso e é o que é preciso. Que um homem tenha convicções, pouco importa. Que tenha prestado serviços á democracia, é o menos. O doutor Affonso tem o seu fraco e gosta que lh'o satisfacem. Entre um bom republicano, que lhe não vá limpar as botas, e um apostata ou um reaccionario que lh'as limpe, o doutor Affonso prefere o apostata ou o reaccionario.

E' o calcanhar d'Achilles.

E estão os homens absolvidos. E quem os absolve somos nós.

O despeito do doutor Affonso e o odio do juiz põem os homens na rua.

Pois agradeçam-n'o a nós.

Mas não voltem cá. Se voltam, a coisa é *peor do que foi*. E para esses casos é que não valem nem despeitos do doutor Affonso, nem odios do juiz.

E a canalha que continue a sanfonar no realejo.

Mas olhe lá, doutor Affonso: olhe que elles, principalmente o *pequenino*, deram-nos a nós muito mais graxa que ao senhor. Fartaram-se de engraxar. E, contudo, levaram um pontapé no rabo logo que nos appareceram especuladores.

Mas cada um é como Deus o fez.

E eis tudo.

ERRATAS

Quasi no fim da impressão das 1.^{as} paginas deparamos com alguns erros que escaparam á revisão. Por exemplo, no artigo *Entre republicanos*, na linha 20 da 1.^a columna onde se lê *dilaceraram*, deve lêr-se *dilaceram*; e na linha 26 da 2.^a columna onde se lê *inhabeis*, deve lêr-se *habeis*.

Sôro contra a coqueluche

Os jornaes estrangeiros dão noticia que á Academia Real da Belgica foi communicado o descobrimento do sôro contra a coqueluche. Este descobrimento foi feito por um medico ainda novo, Camillo Leuriaux. O principio applicado é o do dr. Roux. E' por meio da inoculação que se procede, não acarretando nenhuma complicação.

As experiencias feitas nos hospitaes são absolutamente concludentes. A cura opera-se em oito ou dez dias, comtanto que a injeccão seja feita a tempo.

Crueldade

Informa o nosso collega Comercio do Minho que em Vianna do Castello, foram recolhidas na cadeia, por não terem pago a multa de 3285000 réis, 3 menores: uma de 12 annos, outra de 13, e outra de 18, todas do concelho de Vianna do Castello, accusadas de cumplicidade na venda de phosphoros de pau. Satisfarão a multa na cadeia.

Como se vê, ha duas creanças, que permanecerão encarceradas alguns mezes, pelo nefando crime de, talvez inconscientemente, prejudicarem a omnipotente Companhia dos Phosphoros e proporcionarem ás classes pobres lumes baratos.

Isto é simplesmente cruel!

Em compensação a companhia vai fornecendo á sua vontade ruins phosphoros por um preço exagerado.

Uma lei da idade média

Quando o rei d'Inglaterra Ricardo I partiu com uma armada para a Palestina, fez a seguinte lei que devia reger os que iam a bordo, durante a viagem.

Esta lei curiosa, que se acha na collecção, publicada pela commissão dos archivos em Inglaterra com o titulo de *Federa*, serve para mostrar quaes eram as idéas e costumes d'aquelle tempo; o importante da lei é o seguinte:

«A todos os homens que vão por mar a Jerusalem, saude:

Sabei que nós, com o conselho dos homens bons, fizemos a seguinte ordenação. Quem quer que matar um individuo a bordo, será deitado ao mar, amarrado com o morto; mas se o matar em terra será enterrado com elle. Se a alguém se provar com testemunhas dignas de créditos, que puxou por faca contra outrem, ou que lhe fez sangue, terá a mão cortada; mas se lhe der só uma bofetada com a mão aberta, sem lhe fazer sangue, levará tres mergulhos no mar. Se alguém doestar, escarnecer ou amaldiçoar outrem, pagar-lhe-ha tantas onças de prata quantas forem as vezes que o offender.

O ladrão convencido de ter roubado qualquer coisa, rapar-lhe-hão a cabeça, e sobre ella lhe deitarão pêz derretido, espalhando-lhe por cima as penas de um travesseiro, para o conhecerem, e pol-o-hão em terra no primeiro porto onde o navio chegar.»

Almanach Illustrado do Occidente para 1903

De todos os almanachs que se publicam no nosso paiz, é o *Almanach do Occidente* sem duvida dos mais interessantes tanto pelos primores das suas variadas e profusas gravuras como pela excellencia da sua collaboração litteraria, e indicações uteis sobre caminhos de ferro, carreiras de vapores, correios e telegraphos, trens, theatros e praças de touros, lei do sello, formulas de requerimentos, etc.

Publica-se ha 22 annos e o d'este anno insere mais de 50 gravuras de entre as quaes mencionaremos as que dizem respeito ao Centenario de Gil Vicente; Monumento de Affonso de Albuquerque inaugurado este anno em Lisboa; monumento a Sousa Martins; monumento do Duque da Terceira; retratos de Trindade Coelho, Teixeira de Queiroz, Candido de Figueiredo, Lopes de Mendonça, Augusto Machado, actriz Palmira Bastos; Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes; Telegraphia sem fios.

Tres paginas de musica da farça lyrica *O Tico Negro*, e a secção de necrologio do anno com os retratos de Mousinho d'Albuquerque, Fernando Pedrosa, Tito de Carvalho e dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho.

Completem este interessante annuario uma secção de charadas, enigmas e problemas, além de uma grande variedade de annuncios de interesse publico etc, etc.

O *Almanach do Occidente* com uma linda capa a cores custa apenas 200 réis. Os pedidos devem ser dirigidos á Empresa do Occidente, Lisboa.

Phenomeno

Dizem de Cintra em data de 10:

Hdefonso José, de Chão de Meninos, em S. Pedro de Cintra, como fazendeiro possui algumas ovelhas.

D'uma d'estas nasceu, na segunda-feira, uma borreguinha, com o coração exteriormente e que funcionava com regularidade.

A cordeira saltava e amamentava-se como se nada tivesse de extraordinario.

A noticia do extranho phenomeno correu veloz, indo ali muitas pessoas examinal-a. A cordeira morreu hoje.

A Illuminação das ruas desde a sua antiguidade

A' porporção que nos habituamos ao uso d'algum instrumento, ou á generalisação de algum costume, esquecemo-nos facilmente dos costumes e usanças que d'antes havia, e pintamos o passado como semelhante ao presente.

Todavia bom é saber que antigamente havia quando mais não seja, para podermos dar seu preço aos bens e com modos que actualmente gosamos.

Uma das muitas cousas que a nossos avós faltavam, e desgraçadamente ainda falta de uma forma que satisficção, em muitas povoações importantes do reino, é a illuminação das ruas das cidades durante a noite, o que tanto facilita o transito, e ajuda a segurança dos individuos que a essas horas as frequentam. Parece não haver testemunho nenhum que prove que, na antiga Roma, com toda a sua grandeza e poderio, houvesse alguma providencia publica para allumiar as ruas de noite.

Os romanos, sabindo das suas visitas nocturnas, tinham de levar archotes, ou lanternas, ou de irem para casa ás apalpadelas.

Contudo, no 4.^o seculo, era Antiochia mais affortunada que Roma, a tal respeito; porque em algumas de suas ruas principaes tinha alampadas, penduradas em cordas, junto dos banhos e d'outros logares publicos.

Quando havia lucto publico, estas lampadas não se accendiam, em signal de tristeza.

Todavia o costume de allumiar as ruas só passados muitos seculos se generalisou.

Parece que Paris foi a primeira cidade onde houve candieiros nas ruas, e isto só começou no seculo XVI. Andava a cidade, n'aquelle tempo, mui ingada de ladrões nocturnos, e, por isso, deu-se ordem aos habitantes para terem luzes acoezas diante das casas durante a noite.

Mas em 1558 as auctoridades municipaes tomaram a si este negocio, e mandaram pôr *fallots* nas esquinas das ruas principaes.

(Continúa.)

Notas alegres

Um estudante do seminario que todas as questões encarava por duas faces com o celebre *distinguo*, foi interrogado pelo prelado da diocese, em exame de presbytero, nos seguintes termos:

— Se tiver de ministrar, á pressa, o baptismo a uma creança recém-nascida, que estiver em perigo de vida, e em casa não existir outro liquido se não uma porção de caldo ao lume, pôde com esse caldo, consumir o sacramento? — *Distinguo*, respondeu o seminarista. Se o caldo fór como o das panellas de V. Ex.^a, de certo modo o sacramento não é valioso, porém se fór igual ao das panellas do seminario, fica a creança perfeitamente baptisada, porque é *agua chilla*.

Contava-se uma desastre succedido a um grupo de senhoras n'uma carruagem.

— «Nestes casos — philosopho algum — o principal é a presença de espirito.»

— «Perdão — objectou uma senhora — *melhor que a presença de espirito é ainda a ausencia do corpo.*»

25:000 francos por uma pulga

Communicam de Londres, em data de 8:

O filho mais velho de lord Rothschild, o sr. Charles Rothschild, tem uma mania pouco banal: collecciona pulgas. Até hoje tem conseguido reunir 10:000 exemplares d'estes insectos.

Para completar a sua colleção, acaba elle de enviar a baleeira «Forget-me-Not» ás regiões polares. A expedição tem por fim explorar os pellos do urso branco, da Renna, cão de esquimao e de outros animais do extremo norte.

O sr. Rothschild, prometteu ao capitão e á equipagem um premio de 25:000 francos se elle lhe trouxerem uma pulga de raposa azul.

—Se o maniaco enviasse uma expedição a Portugal, muita pulga de variadas especies levaria d'aqui para a sua colleção insectos raros...

HORARIO DOS COMBOIOS

De Aveiro para o Norte 5,21 m., correio, 1.ª e 2.ª classe. 9,00 m., mixto, todas as classes. 4,47 t., tramway, vindo d'Alfarellos. 8,11 t., omnibus todas as classes. 9,49 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe. TRAMWAYS 3,55 da manhã. 10,15 da manhã.

De Aveiro para o Sul 6,48 m., omnibus, todas as classes. 2,12 t., tramway, até Alfarellos. 5,34 t., expresso, 1.ª e 2.ª classe. 10,30 t., correio, 1.ª e 2.ª classe. TRAMWAYS Chegada a Aveiro, terminus, 9,49 m. 9,9 t. Os tramways partem do Porto ás 7,15 da manhã e 6,29 da tarde.

HISTORIÃ

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA De 1820

Illustrada com magníficos retratos dos grandes patriotas d'aquella época

ASSIGNATURA EXTRAORDINARIA

Os editores d'esta importante e patriótica edição nacional resolveram abrir uma assignatura extraordinaria, aos fasciculos semanales de 32 paginas, afim de facilitar a entrada d'este grande livro em todas as familias portuguezas. A HISTORIÃ DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820 tem de ser para todos os portuguezes uma verdadeira reliquia dje familia, tem de ser guardada na biblioteca de cada lar como testemunho a thentico do patriotismo e dos feitos heroicos dos nossos avós, que como leões lutaram pela santa causa da liberdade.

Condições da assignatura extraordinaria

Cada fasciculo de 32 paginas 60 réis Cada vol. brochado.. 1:500 » Obra completa (4 vol) 6:000 »

A assignatura por fasciculos pôde ser mensal, quinzenal, ou semanal á vontade do assignante.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, na casa dos Editores Lopes & C.ª, rua do Almada, 123, PORTO.

EM AVEIRO—Livraria Mello Guimarães.

Lembra-se a todas as pessoas que forem a Lisboa, que não se esqueçam de visitar a magnifica e surpreendente Exposição Fabril Singer, installada na rua do Principe, á entrada da Avenida

«Povo de Aveiro.» Em Lisboa, na tabacaria Monaco.

VENDA DE CASA

Vende-se um prédio de casas altas na rua de Jesus e em frente á igreja do Convento.

Tem um pequeno pateo e sahida para a rua do Rato.

Trata-se na rua Direita, n.º 43 a 45.

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra Extrahie, obtura, colloca dentes e encarrega-se do concerto de dentaduras R. DIREITA, 58, 1.º Aveiro

ALVARO DE MORAES FERREIRA MEDICO Consultas das 10 ás 12 horas da manhã e das 2 ás 4 horas da tarde. Chamadas a qualquer hora do dia ou da noite. Largo do Rocio, 42 a 44 Cathecismo Moderno (ILLUSTRADO) Obra de propaganda nacionalista. Dedicada ás pessoas de bom senso. Preço 50 réis A' venda na Livraria Elysió -Rua Formosa, 282 PORTO

O DILUVIO

Grandioso romance historico de Henryk Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS, traduzido directamente do polaco por Selda Potocka e Eduardo de Noronha. Desenvolve-se n'esta obra, no lado de paginas vibrantes e commovedoras, as heroicas luctas da Polonia contra a invasão dos outros povos do norte. Muitos criticos consideram O DILUVIO superior ao QUO VADIS.

A' venda o 1.º volume em formato grande e com uma bellissima capa a cores

Preço, 300 réis

Pedidos á Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

TYPOGRAPHIA DO POVO DE AVEIRO Acaba de nos chegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasia, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte. Especialidade em cartões de visita

BAGAÇOS ALIMENTARES VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animais.

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO POR JOÃO DE MENEZES A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160 - LISBOA. Preço 200

Cura do rheumatismo

O linimento anti rheumatico de Miranda, é o melhor remedio até hoje conhecido para a cura d'esta doença. Numerosos attestados de doentes provando os seus bons resultados. Faz desaparecer em curto espaço de tempo as dores ao padecente.

Envia-se pelo correio para todas as terras.

Preço do frasco 500 réis. Pelo correio 550 réis.

Deposito pharmacia Miranda RIO TINTO

LANDEAU VENDE-SE, na quasi noventa e nesta typographia se diz. SAPATARIA REIS R. DOMINGOS CARRANHO (A'S CINCO RUAS) AVEIRO

O proprietario d'esta acreditada sapataria, José Almeida dos Reis, participa aos seus estimaveis freguezes que mudon o seu estabelecimento da Costeira para a sua casa da rua Domingos Carrancho, onde lhe deu uma installação mais apropriada.

O proprietario agradece desde já a visita com que o publico se dignar honrar o seu novo estabelecimento.

Como sempre, o seu empenho é bem servir todos os que procuram a sua casa e, para isso, ao mesmo tempo que se encarrega de todas as encomendas por medida, tem á venda um grande sortimento de calçado fino para homem, senhora e creanças.

Todos os que conhecem as obras que sahem da sua casa, sabem que ellas se recommendam pela perfeição de corte, excellente acabamento e incomparavel modicidade de preços.

HORAS ROMANTICAS Collecção de romances notaveis, esplendidamente traduzidos para portuguez, em lindissimas edições, ao alcance de todas as bolsas. QUO VADIS? (2.ª edição) de H. Sienkiewicz. — 3 volumes. VIDA DE LAZARILLO DE TORMES, de Mendoza. — 1. vol. EULALIA PONTOIS, de F. Soulié. — 1 vol. A AMOREIRA, FATAL, de E. Berthel. — 1 vol. SENHOR EU, de Farina. — 1 vol. Cada volume, 100 rs. Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e a todas as livrarias e tabacarias.

Vinho puro de Bucellas Este vinho, muito apreciado pelas suas propriedades hygienicas, só se vende no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas. Praça do Peixe—AVEIRO N. E.—Só se garante o proprio vinho e vendido no mesmo estabelecimento. COMPANHIA NACIONAL EDITORA Sucessora da antiga casa David Corraes Viagens Maravilhosas Coroadas pela academia franceza A CARTEIRA DO REPORTER POR JULIO VERNE

ARMAZENS DA BEIRA-MAR DE MANUEL GONCALVES MOREIRA PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22 R. DOS MERCADORES, 1 A 5 AVEIRO

Preços fixos CONFECÇÕES: Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão. Camisaria, gravataria, livraria, papellaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros. Importação directa de artigos da Madaira: obra de verga, bordados, rham e vinho (qualidade garantida). Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada. Representante da casa Beirão, da Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes Clement e machinas de costura Memoria, bem como todos os accessorios para as mesmas. Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa). Flores artificiaes e cordas funerarias. Ampliações photographicas. Encadernações. N. E.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importação.

O FOGO Notabilissimo romance de Gabriel do Annunzio, o mais brilhante dos escriptores italianos da actualidade, traduzido para portuguez por Amadeu Silva d'Albuquerque. E' esta a obra mais sensacional do grande escriptor, pela belleza commovedora e assombrosa do seu entreccho e pela sua forma artistica e impecavel. DOIS ELEGANTES VOLUMES, COM ESPLENDIDAS CAPAS A CORES Cada vol., 100 Pedidos á Companhia Nacional Editora, largo do Conde Barão, 50, Lisboa.

SIGAMOL-O! Sensacional romance de H. Sienkiewicz auctor do QUO VADIS? seguido de mais dois: soberbos contos do grande escriptor polaco. Trad. de EDUARDO NORONHA Um luxuoso volume, com uma lindissima capa a cores e ornado com magnificas illustrações. Preço 500 réis A' venda na Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50, Lisboa, e em todas as tabacarias e livrarias.

ROLÃO PALMA ESTA farinha muito mais barata e superior do que qual quer outra para a engorda de porcos, gado vaccum, galinhas, etc. etc. vende-se unicamente no estabelecimento de José Gonçalves Gamellas. Praça do Peixe AVEIRO SEM DOGMA Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do QUO VADIS? tradução de EDUARDO DE NORONHA 300 rs. cada volume 300 A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

MAIS UM TRIUMPHO! As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix. E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições. AVEIRO 75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79